



## **SALVAR-SE PELA IMAGEM: A SUBVERSÃO DA ESTÉTICA COLONIAL DOS CORPOS**

### **SAVE YOURSELF BY PICTURE: THE SUBVERSION OF THE COLONIAL AESTHETICS OF BODIES**

Marília Almeida Paiva<sup>1</sup>

Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará - UFC

#### **RESUMO**

O presente artigo reflete a construção da imagem do corpo ideal ao longo da história e o impacto que isso trouxe para as doenças relacionadas, com ênfase no Transtorno Dismórfico Corporal. Para tanto, discutiremos o conceito de estética, a manipulação midiática e industrial, além dos conteúdos publicados por influenciadoras da internet que vão na contramão dos padrões - no qual nomeei como subversão da estética colonial dos corpos e da performance como bote de salvação. A metodologia adotada transita entre leituras de Naomi Wolf, Paula Sibilia, Laura Mulvey, Ágnes Heller, David Le Breton, Walter Mignolo, André Brasil e Eleonora Fabião e os influenciadores Mirian Bottan, Isabella de Pádua, Luana Carvalho e João Vitor Borges, no final do artigo apresento uma obra-performance criada a partir desta pesquisa.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

corpo; transtorno dismórfico corporal; estética; performance

#### **ABSTRACT**

*This article reflects the construction of the ideal body image throughout history and the impact that this has brought to related diseases, with emphasis on Body Dysmorphic Disorder. To do so, we will discuss the concept of aesthetics, media and industrial manipulation, in addition to the content published by internet influencers that go against the grain of standards - which I named as a subversion of the colonial aesthetics of bodies and performance as a lifeboat. The methodology adopted transits between readings by Naomi Wolf, Paula Sibilia, Laura Mulvey, Ágnes Heller, David Le Breton, Walter Mignolo, André Brasil and Eleonora Fabião and the influencers Mirian Bottan, Isabella de Pádua, Luana Carvalho and João Vitor Borges, in the end of the article I present a work-performance created from this research.*

---

<sup>1</sup> Atua nas multilinguagens. Nas áreas do cinema, videoarte, videoclipe e videomapping. Estudou fotografia, artes visuais, teatro e dança. Graduada (Bacharelado) em Cinema e Audiovisual, pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR); Mestranda em Artes, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará - UFC; E-mail: [lilaalmeidap@gmail.com](mailto:lilaalmeidap@gmail.com) Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/4976015641115275> . Fortaleza, Brasil.



### **KEYWORDS**

*body; body dysmorphic disorder; aesthetics; performance*

## **ÓDIO AO CORPO: UMA FERRAMENTA DE MANIPULAÇÃO**

*De pouco vale a nós conquistarmos o mundo apenas para termos medo de nós mesmas.*

(Naomi Wolf)

A filósofa Ágnes Heller, em *Estética e Modernidade* (2011), traz uma provocação sobre o conceito de beleza com a seguinte pergunta: “como a Beleza nos afeta?” (HELLER, 2011, p.32). É a partir dela que inicio esse artigo sobre a problemática acerca da pressão estética sobre os corpos das mulheres. Corpos estes projetados em telas, analisados, comparados, desejados e criticados. E acrescento: que tipo de corpos nos esperam na vitrine?

Há uma exposição doentia de um certo tipo de corpo que é permitido exibir - como uma roupa que é escolhida para estar exposta em uma vitrine, onde geralmente é a mais “bonita” de acordo com os padrões de beleza. E é a partir disso que se alimenta o ódio aos corpos que não fazem parte dessa “seleção”. Odiá-los é a premissa para nós, mulheres, principalmente do ocidente, vivermos em sociedade.

Naomi Wolf, em *O Mito da Beleza* (2018), reflete sobre o modo como a indústria precisa impingir às mulheres o desconforto com seus corpos e sua aparência, numa cadeia que retroalimenta a invenção de novos produtos e procedimentos estéticos e alimenta a lógica de mercado da publicidade e as decorrentes estratégias de lucro:

Os anunciantes que viabilizam a cultura feminina de massa dependem das mulheres se sentirem tão mal com relação ao próprio rosto e corpo a ponto de gastarem mais em produtos inócuos ou dolorosos do que gastariam se se sentissem belas por natureza (WOLF, 2018, p.127).

As formas e tamanhos dos corpos têm sido historicamente modulados pela indústria, mídia e consumo desde o *boom* da moda nos anos 60 em que tinha como referência de corpo a modelo Twiggy<sup>2</sup>. Há de se afirmar que o conceito de belo depende do contexto ou pensar que tudo depende de como olhamos. Mas o fato é



que o que denominamos de belo já está enraizado e construído na nossa cultura. Não há como negar que a ideia de beleza não é subjetiva e sim, construída. Como a antropóloga Paula Sibilia em seu livro *Show do Eu, a Intimidade como Espetáculo* (2016), afirma “a subjetividade não é algo vagamente imaterial que reside “dentro” de cada um, ela está embebida numa cultura intersubjetiva.” (SIBILIA, 2016)

Esta construção de conceito de belo e o ódio ao corpo como ferramenta de manipulação, leva para uma camada mais profunda como as práticas de consumo e o mercado de trabalho. A partir do momento que as mulheres decidiram lutar para sair de casa, ocupar um lugar no mercado, ter seu próprio dinheiro e a liberdade para suas decisões, não esperavam que pouco tempo depois a sua aparência seria a próxima gaiola.

A dona de casa, presa às condições que lhe eram impostas pelo marido e a sociedade, cedeu o lugar à modelo jovem e magérrima em busca do corpo perfeito, “as indústrias das dietas e dos cosméticos passaram a ser os novos censores culturais do espaço intelectual das mulheres” (Wolf, 2018). Sua prisão agora é de dentro para fora.

A cultura reforça o embelezamento das mulheres e a importância de ser jovem, magra e bonita para conseguir conquistar lugares que até então só pertenciam aos homens. Ora, se a fonte da juventude tinha como troféu a credibilidade e privilégios, não era de espanto as mulheres concorrerem entre si e buscarem águas rejuvenescedoras.

O papel dessa indústria que antes vendia produtos para donas de casa agora é fazer com que essas mulheres assalariadas tenham ódio ao seus corpos e comecem a investir em produtos que se dizem milagrosos. Em busca de um padrão irreal e com sede de ser aquilo que não são, a fome pela *selfie* perfeita e o corpo invejável está acima da sua saúde mental e física.

É entendido que há um grande esforço para que esses padrões sejam formalizados, tanto no ambiente de trabalho, na indústria da moda, na publicidade e também na cultura cinematográfica. Essa última tem sido responsável pela criação de estereótipos e representações que objetificam a mulher ao longo de todo o século XX. No Brasil, por exemplo, as pornochanchadas<sup>3</sup> tinham como tema o corpo e a



sexualidade, usando a mulher como isca para atrair espectadores famintos por beleza e sensualidade feminina nas telinhas.

Como aponta a feminista e teórica Laura Mulvey<sup>4</sup>, em seu artigo *Prazer Visual e Cinema Narrativo* (1973)<sup>5</sup>, o cinema clássico é falocêntrico<sup>6</sup> e voyeurista<sup>7</sup>; O olhar masculino sempre foi o sujeito ativo da narrativa e o feminino, o objeto passivo desse olhar. O corpo da mulher é usado para atrair o olhar do homem que é quem rege a *mise-en-scène*<sup>8</sup>.

Que corpos são esses dessas mulheres vistas como “objeto de desejo”? Qual mensagem é passada para a espectadora ao ver que seu tipo de corpo não é o desejado nas telas e na narrativa cinematográfica?

Saliento que esse corpo usado para atrair olhares e provocar desejos sexuais nos espectadores é magro, branco e hétero. Tudo isso reforça uma estética padrão e irreal, dando espaço para mulheres reais sentirem-se inferiores diante desse idealismo segregador. Quantas vezes por dia vemos ou ouvimos queixas de mulheres sobre seus próprios corpos?

Le Breton discorre que o culto ao corpo percorre o mundo ocidental desde os pré-socráticos, à imagem de Empédocles ou de Pitágoras. Se pararmos para refletir sobre as esculturas gregas há uma padronização de corpos e mais além - do poder que esses corpos simbolizam. O culto ao belo, que beira a uma perfeição, coloca em questionamento corpos que não tenham qualquer semelhança com estes apresentados.

Uma vez que corpos, que deveriam ser vistos como “normais”, passam a não ser desejados e a não ter referência imagética, abre-se espaço para a manipulação a partir do ódio e da vontade de não querer ser do jeito que se é. Assim começa a problemática dos transtornos acerca dos corpos, que irei discorrer no próximo capítulo.



## A DOENÇA DA IMAGEM PERFEITA

*I wanna have control  
I wanna a perfect body<sup>9</sup>*

(Albert Hammond / Mike Hazlewood / Radiohead)

Em um mundo que bombardeia o tempo todo as mulheres para que elas sintam-se desconfortáveis com a sua própria aparência, semeia um problema relacionado a saúde física e mental e também, social e político - o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC) e os transtornos alimentares.

O ódio ao corpo é transformado em doença psíquica, onde a pessoa afetada não reconhece mais seu próprio corpo e toda essa baixa autoestima é levada para outras áreas de sua vida, como por exemplo, no trabalho, nos relacionamentos e na vida cotidiana, e em caso extremo, ao suicídio.

Layanne de Oliveira Castro (CASTRO,2014), nutricionista pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), afirma sobre os transtornos:

A relevância dos estudos sobre imagem corporal e distúrbios alimentares está em conexão com o desenvolvimento da identidade do ser humano e pode ser um ponto determinante das relações do homem com o mundo (TORO et al., 2006 apud LEGNANI, et al., 2012). Segundo o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-IV, 1994), os distúrbios alimentares podem ter consequências graves aos indivíduos, tanto de ordem psicológica, quanto fisiológica. A pessoa se recusa em manter um peso corporal adequado para a sua estatura, mostra medo intenso de ganhar peso corporal e uma distorção da imagem corporal, além da negação da própria condição patológica. (CASTRO,2014)

Fazendo um recorte sobre o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC) - que se caracteriza por afetar a percepção da própria imagem corporal, levando a ter preocupações irracionais sobre defeitos em alguma parte de seu corpo -, podemos começar a traçar um fio que liga a problemática levantada no capítulo anterior sobre a manipulação da imagem até chegarmos ao TDC.

Vale ressaltar que o Transtorno Dismórfico Corporal ainda não é visto como doença “por ainda não se conhecer bem sua etiopatogenia” (CLAUDINO, 2003),



porém é sabido que se baseia exclusivamente em julgar a si por razões de sua aparência física. Como amar aquilo que a todo tempo é sugerido modificar, transformar, mudar, ocultar, suturar?

É necessário cada vez mais falarmos sobre os transtornos mentais acarretados pelo bombardeio de imagens de corpos perfeitos e como fazer para minimizar o impacto, principalmente entre os jovens de 13 a 18 anos que demonstram uma necessidade de cirurgias plásticas segundo a pesquisa da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), de 2020<sup>10</sup>. O sociólogo especialista em Saúde Pública, Francisco Romão Ferreira, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), observa que,

Há uma preocupação excessiva com o corpo. Não só em termos de cirurgias plásticas, mas a quantidade de academias, salões de beleza e de farmácias no Brasil é algo gritante quando você compara com outros países. E essa preocupação estética está naturalizada no cotidiano e não para de crescer. (FERREIRA, 2018)

Pontuo, também, a necessidade da diversidade de corpos na mídia como uma questão de saúde e enalteço que, felizmente no século XXI, portanto seis décadas após a explosão do *Women Liberation Front*, há uma maior polarização na representatividade das mulheres e seus corpos nas campanhas publicitárias, principalmente quando diz respeito à moda e beleza. A indústria já mostra a preocupação de ofertar vários tamanhos e numerações para os corpos e a aceitação do envelhecimento.

Ressalvo que não só a indústria tem trabalhado para reverter esse impacto, mas também os influenciadores digitais, pois, neste momento em que vivemos, as redes sociais estão inseridas cada vez mais no cotidiano.

Influenciadores fazem uso das plataformas de redes sociais para refletir e mostrar aos seus leitores que essa romantização do corpo magro e saudável nada mais é do que um controle social e que a saúde não está ligada à balança.



## **SALVAR-SE PELA IMAGEM: A SUBVERSÃO DA ESTÉTICA COLONIAL DOS CORPOS**

Há uma construção do que é belo e do que não é, do magro e gordo, do desagradável e agradável, essa dicotomia perversa que nos faz acreditar que precisamos encaixar-enquadrar-engarrifar em um padrão que foi inventado pelo ocidente.

Essa discussão acerca desta construção de padrão ocidental, a atriz e pesquisadora Maria Fernanda Sarmiento<sup>11</sup> nomina de “colonialidade do ser”<sup>12</sup> como uma forma de manipulação através do ódio daquilo que somos e temos.

Mafe reflete sobre a construção histórica de que a Europa (colonizadora) é melhor comparada a nós (colonizados) e isso revela o conceito de beleza do qual herdamos. Pois é entendido que se nós nos achamos feios perdemos o poder.

Porém, a partir do momento que é tomada consciência da submissão que nos foi imposta, encontramos três opções: “deixar as coisas como estão, pedir permissão para entrar e encontrar uma maneira de integrar e, terceiro, *desenganchar*. Este último é o caminho da estética decolonial.” (MIGNOLO, VÁZQUEZ, 2012, p.8)

A estética decolonial pergunta por que categorias estéticas ocidentais como "beleza" ou "representação" passaram a dominar todas as discussões sobre arte e seu valor, e como essas categorias organizam a maneira como pensamos sobre nós mesmos e os outros: como brancos ou negros, altos ou baixos, forte ou fraco, bom ou mau. (MIGNOLO, VÁZQUEZ, e outros, 2013)

Traçando uma linha entre os capítulos anteriores em que aponto o Transtorno Dismórfico Corporal e a forma em que os corpos são construídos ao longo da história, pode-se afirmar que a “desobediência às regras da arte e da sociedade educada, para expor as contradições da colonialidade” (MIGNOLO, VÁZQUEZ, 2013) está presente em quem desafia os padrões de corpos e sua necessidade de perfeição. A competição no trabalho que apontou Naomi Wolf em seu livro *O Mito da Beleza* (2018) migrou para o digital.



A performatização da vida subjetiva nas cenas das redes sociais, principalmente no *Instagram*, é sempre em torno do corpo e da sua aparência. As famosas *selfies*<sup>13</sup> ganharam espaço e destaque. O “eu” está impresso em toda postagem, e a necessidade de “exibir sua vida e seu corpo nas redes sociais conquistam muitos seguidores e despertam o interesse de empresas”. (SIBILIA, 2016, p.38). Pontuo que isso serve de gatilho para muitos jovens que lidam com sua própria insegurança.

Na contramão dessa polarização de corpos sarados e beleza padronizada, alguns nichos que lidam ou já lidaram com a dor de pertencer a um corpo não aceito, tentam diariamente alertar para seus seguidores uma outra realidade que implica também, a sobreviver ao caos da pressão externa da sociedade.

Esses influenciadores fazem uso das plataformas de redes sociais para refletir e mostrar para seus leitores que essa romantização do corpo magro e saudável nada mais é do que um controle social e que a saúde não está ligada à balança. É esse ponto que eu chamo de “a subversão da estética colonial dos corpos”.

A arte decolonial (ou literatura, arquitetura e assim por diante) encena essas críticas, usando técnicas como justaposição, paródia ou simples desobediência às regras da arte e da sociedade educada, para expor as contradições da colonialidade. Seu objetivo, então, não é produzir sentimentos de beleza ou sublimidade, mas de tristeza, indignação, arrependimento, esperança e determinação de mudar as coisas no futuro. (MIGNOLO, VÁZQUEZ, e outros, 2013)

A problemática dos transtornos alimentares disseminada pelo sistema entra em colapso a partir do momento que é abordada, principalmente quando didaticamente e sem percalços. Falar diretamente e sem romantização para um público jovem que o corpo é apenas uma embalagem e amá-lo independente da sua forma é o alimento para a alma, traz o entendimento da gravidade dessas doenças e tudo que ela pode gerar para alguém.

O ativismo da não-romantização de corpos irreais tem sido um aliado para que mais pessoas busquem ajuda psicológica e comecem a amar seus corpos, entendendo que a anatomia é diferente para cada pessoa e ser gorda ou magra é apenas um detalhe que não deve ser usado como forma de tortura.



Imagem 1 - Mirian Bottan



Fonte: Instagram (2021), em (<https://www.instagram.com/mbottan/>)

A campanha da *influencer* Mirian Bottan (Imagem 1), chamada “ProjetoVidão” vai contra o “projeto verão” - um projeto que consiste em você emagrecer e ficar com o corpo perfeito para curtir a praia na estação mais quente do ano. Bottan traz a reflexão de que basta ter um corpo para aproveitar, independente de ser gordo ou magro, pois o que importa é ter saúde mental. A *influencer* também faz questão de falar nas suas redes sociais sobre sua experiência com a bulimia e a sua antiga necessidade de ter o corpo sarado.

Imagem 2 - Luana e o corpo livre



Fonte: Instagram (2021), em (<https://www.instagram.com/lxccarvalho/>)

Luana (Imagem 2) traz um ativismo do corpo gordo e negro. Ela vai contra os fiscais de plantão que dizem que ter um corpo gordo é sinônimo de doenças, quando na verdade eles estão praticando a gordofobia. Ao contrário do que muitos dizem, a militância da aceitação dos corpos gordos não é uma romantização da obesidade e muito menos um incentivo, mas, sim, um discurso de aceitar o corpo que tem por ora e não se sentir feio ou inferior por estar acima do peso. “A saúde é associada à preocupação com a gordura e à busca feroz pela magreza, um pilar que contribui fortemente para a estigmatização do corpo gordo em sociedade” (JIMENEZ, 2021, p. 153)

Imagem 3 - A vida de Bella



Fonte: Instagram (2021), em (<https://www.instagram.com/laviedbella/>)

Imagem 4 - Diário de João



Fonte: Instagram (2021), em ([https://www.instagram.com/joao\\_recovery/](https://www.instagram.com/joao_recovery/))

A Isabella (Imagem 3) e o João (Imagem 4) mostram em seus diários nas redes sociais o drama que é viver com transtornos alimentares, especialmente a anorexia. A luta de cada dia para conseguir comer o que o corpo precisa e a culpa no fim do dia é contada diariamente. Seus momentos de crise, internação e também de vitória ao conseguir fazer três refeições no dia são compartilhados com seus seguidores, que de alguma forma se identificam com eles e revelam um pouco nos comentários de suas fotos o medo e a angústia de habitar um corpo não aceito.



Concluo que é importante analisar historicamente a presença da mídia e as diversas estratégias para construir um modelo de corpo a ser seguido (como apontado neste artigo) e o que isso reflete na nossa sociedade - como a problemática dos transtornos alimentares. E reforço a importância das contra narrativas: como as manifestações performáticas e ativista das redes sociais para a desconstrução de um modelo inalcançável, trazendo essa informação aos jovens para que eles entendam e aprendam a amar-se desde cedo. Reconheço o papel das artes como antídoto para o medo e a insegurança dos seus próprios corpos, mas chamo atenção de que é necessário educar e almejar a transformação da mentalidade da sociedade e da indústria, pois não cabe a ninguém o julgamento do que é ou não é belo.

### **UMA OBRA QUASE CONCLUÍDA: A PERFORMANCE COMO BOTE DE SALVAÇÃO**

É compreensível que a performance é movimento de ruptura (COHEN, 2019), se apodera do ato para desestruturar aquilo que foi pré-estabelecido, preconcebido, pré-padronizado. “A performance acaba penetrando por caminhos e situações antes não valorizadas como arte.” (COHEN, 2019)

A performance pode ser vista como a estrada que percorre a criação - desde a inquietação, a escrita e a manifestação corporal. Ela é o espaço entre a arte e a vida,

A busca do desenvolvimento pessoal é um dos princípios centrais da arte de performance e da *live art*. Não se encara a atuação como uma profissão, mas como um palco de experiência ou de tomada de consciência para utilização na vida. Nele não vai existir uma separação rígida entre arte e vida. (COHEN, 2019, p.704)

Falar de questões do corpo e o processo de aceitação, é compreender que a linguagem da performance veio como instrumento de grito reprimido e permitiu que muitas mulheres que sofriam de falta de autoestima e dúvidas sobre si mesmas usassem essa ferramenta como um trampolim e esvaziamento de culpa e dor. A



respeito das reflexões de Emily Newman sobre a performance ter sido um divisor de águas, ela discorre:

A arte performática feminina tem um potencial perturbador particular porque apresenta uma mulher real como um sujeito falante, lançando essa posição em processo, em dúvida, opondo-se à concepção tradicional do sujeito único e unificado (masculino). O corpo feminino como sujeito se choca em dissonância com seu texto patriarcal, desafiando o próprio tecido da representação ao recusar esse texto e apresentar novos e múltiplos textos baseados na experiência e sexualidade das mulheres reais. (FORTE, 1990 apud et al., NEWMAN, 2016, p.4)

A performance contribuiu para que não apenas as artistas repensassem seus corpos, mas também para a sociedade começar a questionar a indústria e refletir sobre a influência que a padronização de corpos têm sobre as mulheres e o mal que isso pode causar, independente da idade. “Turner afirmava que as populações poderiam aprender a compreender umas às outras por meio de suas performances.” (TAYLOR, 2013)

O uso de seus corpos em performance resultou em obras que podiam refletir uma presença autobiográfica, portanto pessoal, mas também desafiar questões sociais mais amplas. sobre o tratamento das mulheres e a percepção da sociedade sobre o corpo e o comportamento das mulheres. A arte da performance abriu caminho para outros desenvolvimentos artísticos para incorporar as preocupações das mulheres. Após os protestos e a conscientização da década de 1960, na década de 1970, muitas das artistas femininas começaram a incorporar essas ideias em seus trabalhos, portanto, não deveria ser uma surpresa que questões relacionadas à imagem corporal feminina se tornassem assuntos viáveis. (NEWMAN, 2016, p. 5)

Dialogo com Eleonora Fabião quando ela afirma que: “performers são poetas que investigam, criam e disseminam precários: (...) a precariedade do corpo (que, longe de ser percebida como deficiência, é atualizada como potência) e a precariedade da arte (que se volta para o ato e para o corpo)”. (FABIÃO, p.65)

Na investigação da performance tenho o corpo, que é pensamento (OLIVEIRA JUNIOR, 2011b, p.9), mas também, dispositivo, ação, reinvenção, grito, ato, protesto, aceitação. Ora, se ninguém sabe o que é um corpo (OLIVEIRA JUNIOR, 2011b, p.10), é permitido inventar, virar do avesso, destruir e construir de novo.



A arte nos permite criar um corpo que ainda não é nosso, porém torna-se a partir do momento que aceita-se. É ele o dispositivo que liga o espectador e a performance. Uma linguagem que se encontra exatamente na passagem entre as formas de vida e as formas da imagem, “entre o vivido e o imaginado” (BRASIL, 2011), pois está exatamente entre o gesto e a *mise-en-scène* da obra. É a arte que gera movimento e o corpo que é a porta-voz.

O exemplo do corpo em movimento: na dança, no palco, na arte, no circo. Pensemos no corpo que dança, que preenche o espaço com sua forma. Sua materialidade nos é dada em uma determinada maneira e contexto, mas que ao mesmo tempo não pode ser determinada. O corpo em movimento na arte é um limite teórico da linguagem; ele vive entre as palavras. Ele as escreve e as destrói. O corpo que se move abstrai do espaço uma geometria polifônica, “um turbilhão de códigos, reverberação de sistemas, apagamento da marca mediante a qual a origem se diz e se consome numa impenetrabilidade do gesto” (Idem, op. Cit. pp.2002). (Guzzo, 2004, p.63).

A partir dessas reflexões, criei a obra “quero entrar em uma garrafa”<sup>14</sup>, discurso:

O que seria de um corpo se ele tentasse se encaixar-enquadrar-engarrafar? Por muito tempo acreditamos que o corpo ideal é aquele que pesa 52 e veste 36. O Transtorno Dismórfico Corporal é a problemática herdada por anos de pressão estética. Ficar tão magro a ponto de entrar em uma garrafa para se encaixar em um padrão inventado. (PAIVA, Marília, 2023)

“Quero entrar em uma garrafa” é uma obra criada utilizando uma garrafa para distorcer a imagem da câmera fotográfica. Gerando um conflito imagético entre o real e o distorcido. O título é uma ironia sobre querer ser “tão magro a ponto de entrar em uma garrafa”.

O dispositivo de distorção imagética é a garrafa, não há presença de filtro tecnológico. O corpo deformado – por qualquer superfície – diz muito sobre como acreditar na autoimagem refletida. Muitas vezes, questionamos a imagem do nosso corpo que vemos refletido numa superfície que não condiz com a realidade, como o reflexo na porta do carro, nos vidros das vitrines, nos espelhos do shopping e das



academias, no provador de uma loja de roupa, mas nunca questionamos se aquela imagem que vemos é propositalmente ou anatomicamente distorcida.

É compreensível que cada superfície seja feita para se adequar àquilo que ela se propõe. No caso, os espelhos de um provador de loja de roupa, nos faz sentirmos mais bonitos ao vestir aquela peça e comprarmos - claro que com todo o aparato das luzes que compõem o jogo de espelhos -, na academia precisamos nos ver maiores para que possamos gastar mais do nosso tempo malhando e correndo em esteiras, porque quanto mais insatisfeitos com nossa imagem, mais lucro para elas - os cortes horizontais e verticais de um espelho transforma qualquer reflexo, cabe a nós acreditarmos naquilo que vemos e o que nos olha.

Ressalvo que esta obra na qual discorro, - neste breve capítulo -extra-inconclusivo-quase sobrando no artigo - tenho a intenção de apresentar conceitualmente e teoricamente após aprovação do artigo e oralmente durante o evento da ANPAP.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, André. **A performance:** entre o vivido e o imaginado, 2011. Disponível em: &lt;[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1603.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1603.pdf)&gt; Acesso em: 20 out. 2020.

BRETON, David Le. **Adeus ao corpo:** antropologia e sociedade. Papyrus, 1999

CASTRO, Layanne de Oliveira. **Influência Da Mídia Sobre A Imagem Corporal E Os Distúrbios/Transtornos Alimentares:** Anorexia e Bulimia Nervosa. 2014. Disponível em: &lt;<https://www.docsity.com/pt/layanne-de-oliveira-castro/4857446/> &gt;,. Acesso em: 05 jul. 2022.

CLAUDINO, Angélica de Medeiros e Borges, Maria Beatriz Ferrari **CrITÉrios diagnÓsticos para os transtornos alimentares:** conceitos em evolução. Brazilian Journal of Psychiatry [online]. 2002, v. 24, suppl 3 [Acessado 18 Julho 2022] , pp. 07-12. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462002000700003>>. Epub 31 Mar 2003. ISSN 1809-452X. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462002000700003>.

COHEN, Renato. **A performance como linguagem.** Fortaleza, Editora Perspectiva, 2019

FABIÃO, Eleonora. **Performance e Precariedade.** In: OLIVEIRA JUNIOR, Antonio Wellington de (Org.). A Performance Ensaada: ensaios sobre performance contemporânea. Coleção Juazeiro – Série LICCA, Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011, p.185-186

HELLER, Agnes. **Aesthetics and Modernity:** Essays. Lexington Books. 2010

JIMENEZ, Maria Luisa. **Gordofobia:** injustiça epistemológica sobre corpos gordos. v. 4 n. 1 (2020): Corpos e sujeitos na/da modernidade. Mato Grosso. 2021.



MIGNOLO, Walter D. , GÓMEZ, Pedro Pablo. **Estéticas Decoloniales**. 1ª edição. Bogotá, Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012. [Acessado 12 dezembro 2022]  
Disponível em: <<https://adelajusic.files.wordpress.com/2012/10/decolonial-aesthetics.pdf>>

MULVEY, Laura. **Prazer Visual e cinema narrativo**. In: XAVIER, Ismail. (Org.). A experiência do cinema. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983. 475 p. pt. 3, p. 437-454.

NEWMAN, Emily L. **Female Body Image in Contemporary Art: dieting, eating disorders, self-Harm, and fatness**. Nova York: Taylor & Francis, 2018.

OLIVEIRA JUNIOR, Antonio Wellington de. **A Performance Ensaída: ensaios sobre performance contemporânea**. Coleção Juazeiro – Série LICCA, Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011

OLIVEIRA JUNIOR, Antonio Wellington de . **O Corpo Implicado: leituras sobre corpo e performance na contemporaneidade**. Coleção Juazeiro – Série LICCA, Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2ª edição, 2016.

TAYLOR, Diana **O Arquivo e o Repertório: Performance e Memória Cultural**. Editora UFMG; 1ª edição, Belo Horizonte: UFMG. disponível em:  
<<https://scalar.usc.edu/nehvectors/wips/atos-de-transferencia>>

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Selo Rosa dos Tempos; 17ª edição, 2018.

## NOTAS

2- modelo britânica ditou tendência e revolucionou a moda dos anos 60 com sua imagem quase andrógina, magérrima e pequena.

3- Pornochanchada foi um gênero do cinema brasileiro. O termo, fruto das junções das palavras "pornô" com "chanchada".

4-Crítica cinematográfica e feminista britânica. Seus principais trabalhos se desenvolveram em duas grandes vertentes: a crítica à relação entre imagem e olhar predominante no cinema narrativo clássico e a construção de outras possibilidades de olhar e de outras linguagens do desejo, a partir do projeto de um cinema de vanguarda, ou contra-cinema – incluindo aí a idéia de um cinema feminista. Foi, no entanto, a primeira vertente de sua crítica – a crítica ao olhar masculino – que acabou ganhando mais visibilidade.

5- Ressalvo que essa teoria da Laura Mulvey é argumentada e criticada por outras teóricas feministas, como a psicanalista Jane Gaines, principalmente sobre as "mulheres não-brancas, assim como as lésbicas, enquanto uma reflexão tardia na análise feminista, permanecem não assimiladas por esta problemática."

6-É a convicção baseada na ideia de superioridade masculina, na qual o falo representa o valor significativo fundamental.

7-O voyeurismo é uma prática que consiste num indivíduo conseguir obter prazer sexual através da observação de pessoas.

8- Trata-se de uma expressão francesa utilizada para designar todos os elementos que compõem a encenação

9- Tradução do inglês: *Eu quero ter o controle. Eu quero um corpo perfeito*

10- Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), disponível em: <https://www.agazeta.com.br/revista-ag/vida/adolescentes-lideram-buscas-por-cirurgias-plasticas-0720> Acesso em: 10 de maio. de 2021

11 - Doutora em artes cênicas pela UFBA, com pesquisa em "Teatralidades De(s)coloniais". Atualmente é docente do programa Artes da Cena na Universidade Politécnico Granacolombiano, onde coordena a área de expressão corporal e vocal e o centro de pesquisa "Teatralidades, gênero e espaço público". Integra o grupo Vendimia Teatro. Fundadora da coletiva "Vale a pena ser Callejeras".

32º  
Encontro  
Nacional  
da *anpap*.



- 12 - Live sobre Teatro Decolonial que aconteceu no canal do youtube da Escola Porto Iracema das Artes. Pode ser conferida neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=6ze18ZatnfQ>
- 13- Selfie é uma fotografia, geralmente digital, que uma pessoa tira de si mesma
- 14 - imagens serão inseridas após a aprovação do artigo